

Rahel Boracs. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
em **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 06.2010

Narcisismo - Autoestima, identidade, alteridade

Hornstein L. São Paulo: Editora Via Lettera. 224p.

Luis Hornstein é um psicanalista preocupado com o dogmatismo aprisionante das instituições e com o autoritarismo que possa estar presente na mente do analista. Esta condição de extremo apreço à liberdade o faz manter-se livre pensador, questionador de paradigmas analíticos que, segundo ele, quando não colocados em jogo, quando não mantidos como obra aberta, tornam-se alienantes e mortíferos para a capacidade analítica e para a própria psicanálise.

O momento não poderia ser mais adequado. É possível observar, quando estamos na clínica, o quanto somos confrontados com demandas desafiadoras frente às oscilações da autoestima e do sentimento de identidade, de angústias que tangenciam o medo do colapso, levando pessoas a experimentar total falta de esperança e presença de vazio aterrador.

O livro de Luis Hornstein visa aprofundar as questões em torno das patologias narcísicas e dos estados-limite. É um minucioso levantamento sobre a metapsicologia, teoria e clínica destas questões. Um debate sobre seu enraizamento na personalidade e sobre os desafios contidos na clínica atual diante dos quais se coloca de forma bastante original. Hornstein segue dois eixos: um epistemológico e outro teórico-clínico.

No primeiro, retoma Freud. Busca as implicações dos vários conceitos de narcisismo presentes em sua obra, preocupando-se em seguir os desdobramentos nos vários seguidores, tais como Kohut, Lacan, Aulagnier e outros, preparando terreno para colocar o seu próprio ponto de vista que se nega permanecer delimitado no já conhecido. A confrontação, constantemente presente no texto, convida o leitor a se manter em movimento e não se fixar em escolhas prévias.

É ainda neste eixo metapsicológico que o autor busca demonstrar o erro de unificar a clínica do narcisismo sob um único conceito ou de atribuir ao narcisismo um olhar simplista que o encerre em uma única patologia, propondo a concepção de patologias narcísicas. Distingue, assim, quatro modelos de patologias narcísicas: patologias do sentimento de si, ligando-as aos quadros de paranoia e patologias borderline; as patologias do sentimento de autoestima, ligando-as às depressões; as patologias da indiscriminação do fantasiado e do real, ligando-as à eleição narcísica de objeto e às diversas funções que o objeto passa a ter na manutenção de um tênue equilíbrio psíquico no qual não há o reconhecimento da alteridade; as patologias do desinvestimento narcísico que correspondem ao não estabelecimento de certas funções do psiquismo ou de sua perda por excesso de sofrimento e que se ligam aos estados de vazio. Segundo Hornstein, as quatro problemáticas remetem ao ego e sua coesão, à autoestima, à identidade e ao reconhecimento da alteridade.

No eixo teórico-clínico, Hornstein utiliza seu próprio conceito de patologias narcísicas, estabelecendo pontes com a clínica atual e com o manejo que pensa ser necessário hoje em dia. Destaca, assim, que nos estados-limite e nas organizações narcísicas é solicitado ao analista mais do que sua disponibilidade afetiva e sua escuta. Necessita-se de sua potencialidade simbolizante. Potencialidade esta que não aponta apenas para recuperar o existente reprimido, mas muitas vezes para a criação do que nunca foi alcançado. Não se trata apenas de abordar conflitos, mas de aproximar-se de privações, carências e vazios. É por esta razão que a contratransferência, na sua teoria e prática, torna-se um elemento central ao longo do livro, merecendo destaque especial nos capítulos finais.

Com relação ao aspecto multifacetado do narcisismo, Hornstein lembra que o objeto se transforma em sujeito por meio das vicissitudes da pulsionalidade e que participa da organização psíquica. A função trófica do narcisismo contribui para o estabelecimento da identidade e da autoestima e mantém a coesão e a estabilidade do sentimento de si.

No que diz respeito ao narcisismo patológico, o autor descreve a presença de uma defesa rígida que evidencia falhas do objeto primário. Nestes casos, o narcisismo não significa amor por si mesmo e sim dor de si mesmo.

Enquanto o narcisismo trófico nutre o psiquismo, os ideais, os projetos e as ilusões necessárias para o viver, o narcisismo patológico evidencia uma falta crônica de investimentos amorosos que se traduz em falta de amor próprio. O sujeito passa a clamar pelo direito de existir, pois sua sobrevivência não é sentida, garantida para ele. Abre-se um terreno árido, no qual a simbolização e a criatividade são substituídas por atuações, somatizações ou depressão. Assim sendo, a dimensão narcísica se faz evidente naqueles pacientes que reagem fortemente à intrusão do espaço próprio, conservando ao mesmo tempo nostalgia de fusão e medo da separação. São estes estados-limite os que exigem que o método, tornando-se estratégia, inclua iniciativa, invenção e arte.

A riqueza dos múltiplos vértices pelos quais o autor aborda o tema do narcisismo possibilita o estabelecimento de ricas conexões com a clínica e com os vários elementos da vida psíquica, fato este que torna a leitura deste livro oportuna e necessária.

Chega-se ao fim da leitura estimulado a continuar a aventura de lidar com questões tão instigantes e com novas possibilidades que se apresentam na busca de apreensão da mente. Para além do encantamento do tema, para além do estabelecimento de relações entre narcisismo, identidade, autoestima e alteridade, a leitura enfatiza a resignificação do narcisismo enquanto paradigma dos estados-limite.